

MÚSICA para ESQUENTAR BRASÍLIA

Festival de Inverno estreia com pé direito



Fotos: Rodrigo Sabatinelli / Giovanna Sotex

Durante os dias 6 e 7 de julho, a Sociedade Hípica de Brasília sediou a primeira edição do Festival de Inverno, evento que, a partir de agora, se junta ao Brasília Music Festival e ao Porão do Rock para enriquecer ainda mais o calendário cultural da cidade. No palco, montado em uma grande área a céu aberto, se apresentaram nomes como Zélia Duncan, Maria Rita, Titãs, Nando Reis e Lulu Santos.

A locadora Marc Systems, do experiente Marconi, foi a responsável pela sonorização do festival, que, na ocasião, contou com equipamentos de PA e monitor da marca canadense Adamson, além de consoles Yamaha e potências Lab Gruppen, entre outros.

O sistema de som foi composto de dez elementos por lado, sendo oito do tipo Y10 e dois do tipo SpecTrix Wave, além de quatro caixas de subgraves T21, também por lado. Os amplificadores utilizados foram os Lab Gruppen. O processador foi um Lake Contour.

Tanto para o PA quanto para o monitor foram utilizadas duas mesas Yamaha PM5D-RH. Os monitores foram divididos em dois grupos, os EAW e os Adamson. Já os sides foram formados por quatro elementos EAW, divididos entre as KF850 e as SB840.

De acordo com Marconi, a opção por usar o sistema canadense se deu exclusivamente em função de sua qualidade e definição sonora. O empresário disse que, "por se tratar de um equipamento com características hi-fi, ele atendeu aos diversos segmentos musicais presentes, desde artistas refinados, como Zélia Duncan e Maria Rita, aos com mais punch, como Titãs, Nando Reis e Lulu Santos".

O engenheiro de áudio e especialista de produtos da Adamson, Ben Cabot, também esteve presente na festa acompanhando o processo de instalação do equipamento junto aos funcionários da locadora e do consultor técnico da Sotex, Fabrício Neiva. Ele auxiliou os técnicos durante todo o festival participando da montagem, do alinhamento e da desmontagem.

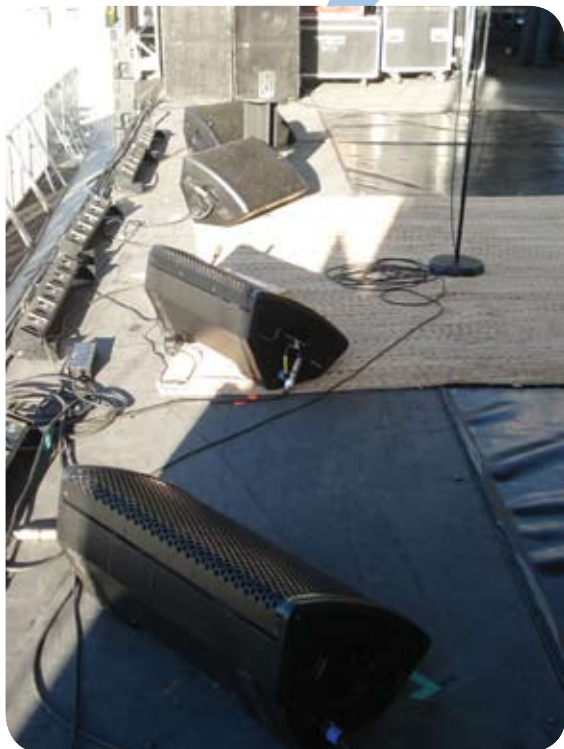
"A presença do Ben em um evento como esse é fundamental, pois ele é um especialista nos produtos utilizados", disse Fabrício. "Gosto de estar presente. Eventualmente, há a necessidade de um suporte na instalação ou mesmo no alinhamento das caixas", completou o engenheiro.

ZÉLIA DUNCAN DE VOLTA À CAPITAL

Depois de um bom tempo sem se apresentar em Brasília, onde morou dos 6 aos 22 anos, a cantora Zélia Duncan retornou à cidade com seu novo show, *Pré-pós-tudo-bossa-band ao vivo*. Cerca de 4 mil pessoas aguardavam sua apresentação, que começou com mais de duas horas de atraso.

No palco, Zélia destilou uma seqüência de hits, entre eles *Carne e osso*, *Catedral*, *Lá vou eu* e *Mãos atadas*. Comandando o PA do espetáculo, que acaba de ser lançado em DVD, seu fiel escudeiro, Carlos Pedruzzi. Nos monitores, outro amigo: Marco Máximo.

De acordo com Pedruzzi, foram usados 38 inputs, sendo 12 deles para a bateria, 11 para os instrumentos de percussão, um para



Monitores Adamson e EAW para artistas como Zélia Duncan, que dispensam os in-ear

o baixo, um para o acordeom, três para os backing vocals, quatro para os teclados – que vão em L/R – e um para a sua voz, além dos canais individuais de violão, bandolim e cavaquinho.

Para captar a bateria, o engenheiro utilizou os seguintes microfones: Shure Beta 52, no bumbo; Shure SM57, na caixa; Shure SM57, no tamborim; AKG C460, no contratempo e nos overs; e Shure SM98, nos quatro tons.

A flauta transversa foi captada por ele através de um MXL, enquanto a moringa e o lap steel receberam os Sennheiser MD421. Na percussão, o repique, os bongôs, a zabumba e as congas receberam microfones SM57, assim como as guitarras, o violão e o bandolim, que compunham a parte harmônica. Já a voz de Zélia foi captada por um Beta 58 UHF. “Ela passava por um pré-amplificador Avalon VT-737”, disse.

A mixagem feita por Pedruzzi teve como principal característica a abertura dos pans. Ao vivo, ele distribuiu os violões de Zélia e de seu guitarrista, Webster Santos, de forma bem suave no L/R. Já os teclados, assim como os overs de bateria, passaram por um pan bem mais radical.

De acordo com o técnico, o mais trabalhoso é ajustar timbres, níveis e efeitos. A compressão, por exemplo, ele utilizou em grande escala. “As taxas mais severas foram despejadas nos teclados. As guitarras e vozes também receberam suas parcelas, no entanto, de forma mais suave”, disse.

Pedruzzi também admitiu que não abriu mão dos delays na voz da cantora, “apenas como efeito”, nem dos reverbs do tipo hall, assim como o efeito de room curto, que também foi para o restante da banda, exceto para os pratos de bateria e violões – “para não embolar o som”. “As congas e a bateria receberam, respectivamente, flanger e plate”, concluiu.

Detalhe do line array Adamson, com modelos Y10 e SpecTrix Wave



FESTIVAL

MARIA RITA RETOMA TURNÊ EM FESTIVAL

A cantora Maria Rita já havia encerrado a turnê de *Segundo*, seu último disco de estúdio, para gravar o próximo trabalho, que acaba de ser finalizado por Marcelo Sabóia na Toca do Bandido, no Rio de Janeiro. No entanto, o convite para participar do Festival de Inverno de Brasília fez com que ela abrisse uma exceção e reencontrasse seu público.

Durante a apresentação, seu operador de PA, Ronaldo Negreiros, utilizou cerca de 35 inputs. Segundo o rider apresentado por ele, para a bateria de Cuca Teixeira foram usados: um microfone Shure Beta 52, no bumbo; um AKG C414, na caixa; um Shure Beta 57, em sua esteira; um AKG C460, no contratempo; quatro Shure Beta 98, nos dois tons e nos dois surdos; e um par de AKG C460, nos overs.

Na percussão de Da Lua foram lançados um Beta 52, no pandeirão; microfones Beta 57, no contratempo

e no repique, e um par de AKG C460, nos overs. O contrabaixo foi splitado, enquanto os teclados Roland foram abertos em L/R, também em linha, assim como o computador. Já a voz da cantora foi captada por um Neumann KMS 105 MT, "que passava por um Tube Compressor", como disse o engenheiro.

Ronaldo ainda usou gate nos tons da bateria e nos surdos, compressão nas caixas e compressão, gate e equalizador no bumbo. "No baixo e no pandeirão, também abusei da compressão, no bom sentido", completou ele.

TITÃS TAMBÉM MARCAM PRESENÇA

Além de Zélia Duncan e Maria Rita, o público pôde conferir o show dos Titãs, que encerraram a primeira noite do festival. O grupo de Paulo Miklos, Toni Belloto, Sérgio Britto e Charles Gavin subiu ao palco para tocar sucessos como *Domingo*, *Polícia*, *Cabeça dinossauro* e uma versão de *Eu nasci há dez mil anos atrás*, de Raul Seixas.

De acordo com o input list, todas as peças foram captadas por microfones Shure, sendo: um Beta 52, no bumbo da bateria; um SM57, na caixa; um SM81, no contratempo; diversos Beta 98b, nos tons; e pares de SM81, nos overs.

O contrabaixo seguiu em linha e usava um compressor, enquanto as guitarras de Miklos e Belotto foram captadas por microfones SM57. Já o piano de Britto seguiu em linha, em L/R. Todas as vozes foram captadas por Beta 58 e passaram pelos compressores da mesa.

NANDO REIS E LULU SANTOS AGITAM A SEGUNDA NOITE

O ex-titã Nando Reis abriu a segunda noite do festival apresentando músicas como *Sou Dela*, *Monóico* e *Relicário*. Mas foi o popstar Lulu Santos que, na seqüência, destilou um verdadeiro pout-pourri de sucessos.

O engenheiro de som responsável pela operação do PA do cantor e guitarrista foi Carlos Martau. Ele utilizou um microfone SM91 no bumbo da bateria, dois SM57 para as caixas, SM98 para os tons, um par de KSM92 nos overs e diversos SM81 para o prato de condução, bongôs e carrilhão.

Para os subgraves, quatro caixas T21



As vozes de Lulu e do saxofonista Milton Guedes foram captadas por microfones SM87 UHF e receberam um pouco de compressão, enquanto os amplificadores de guitarra receberam microfones SM57A, da Shure.

Algumas das exigências da equipe técnica do cantor quanto ao sistema de sonorização foram as seguintes: ele deveria ser suficiente para uma perfeita cobertura sonora em toda a área onde houvesse público, incluindo as arquibancadas de fundo, as áreas vip e os camarotes.

Caso isso não fosse possível, seria necessário utilizar sub-sistemas (torres de delay), cujos sinais seriam derivados do master da mesa de PA através das saídas matrix, o que não foi necessário devido à boa capacidade de cobertura do PA.



Amps Meteoro para as guitarras dos Titãs



Fabrício Neiva, consultor da Sotex, e Ben Cabot, da Adamson

TÉCNICOS APROVAM SISTEMA DE SOM CANADENSE

Ainda na passagem de som foi possível notar que os técnicos dos artistas aprovaram o sistema de PA Adamson disponibilizado pela Marc Systems. Ronaldo Negreiros, de Maria Rita, usava-o pela segunda vez. A primeira foi em dezembro de 2006, quando a cantora se apresentou também em Brasília, no Espaço Marina Hall.

Assim como em sua estréia, ele não poupou elogios ao equipamento, dizendo ser muito eficiente, "com uma boa abrangência dos planos". O engenheiro destacou ainda a qualidade e a definição de seus subs. "Eles são incríveis, têm muita definição e apresentam todas as frequências harmônicas. Não se trata de sub-graves que têm uma só nota. Eles são realmente muito amplos", disse Ronaldo, que, geralmente, explora os graves com os roncões do baixo acústico de Sylvinho Mazzucca.

Carlos Pedruzzi, de Zélia Duncan, também saiu satisfeito. Ele afirmou que as caixas estavam muito bem alinhadas por Zé Luis, um dos engenheiros responsáveis pela locadora. De acordo com Pedruzzi, a sensibilidade e a pressão sonora são as grandes

características desse PA. "É um sistema muito fiel e tem um grave incrível, muito bem definido", disse.

A única observação feita pelo engenheiro quanto a possíveis ajustes foi em relação ao front fill, ou seja, a área frontal ao palco (o *gargarejo*). "No local, o som estava um pouco diferente das demais regiões a serem cobertas, com um pouco menos de definição, com as médias altas e as altas soando diferentemente", disse. Ainda assim, ele fez questão de destacar que não promoveu nenhum tipo de ajuste pessoal para corrigi-lo. "E olha que eu sempre faço, hein? Sou chato com isso", brincou.

AS PARTICULARIDADES NOS MONITORES DAS MUSAS

Em cima do palco, bem próximo de Zélia Duncan, estava Marco Máximo, técnico que há anos acompanha a cantora na estrada. Atento a todos os seus movimentos, depois do show ele contou à M&T como costuma operar os monitores para ela e sua banda.

De acordo com o profissional, todos os músicos de apoio utilizam sistemas in-ear. Zélia, no entanto, prefere os monitores de chão. Ele contou que, ao vivo, cada um faz as suas exigências – uns pedem os fones mais agudos, outros mais graves. "Eles gostam de ouvir o estéreo bem aberto, o que faz com que a passagem de som seja bem detalhada e demorada. A mixagem dos monitores é feita como a de um disco, com planos e L/R. Tudo muito bem cuidado", disse.

O técnico lembrou ainda que Zélia prefere os monitores de chão, pois gosta de sentir as frequências de forma mais ampla, o que, segundo Marco, não é um problema. "Ela pede sua voz na frente, com os violões um pouco mais atrás e, por último, o restante da harmonia, com ênfase no baixo, pois ela gosta dos graves. Nos sides eu coloco os ritmos, exceto os pratos de bateria", relacionou.

Ao contrário do que acontece com Zélia, na banda de Maria Rita os músicos preferem os monitores de chão, exceto seu baixista, Sylvinho Mazzucca. Somente para a cantora são quatro caixas, "pois ela circula muito durante as músicas", disse Paulinho Seminati, responsável por sua mixagem.

O técnico também revelou que trabalha com o volume do side um pouco mais baixo que o de costume,

deixando os monitores de chão fazendo a maior cobertura. “Maria Rita pede sua voz em primeiro plano, seguida por harmonia e um pouquinho de bateria. Os sides recebem bateria, piano e teclado, um pouco de baixo e bastante voz. Não uso efeitos nem inserts. O palco é todo limpo. A banda é bem comportada”, resumiu.

MONITORES CANADENSES TAMBÉM FAZEM SUCESSO

Assim como o sistema de PA, os monitores da Adamson, disponibilizados pela Marc Systems, também agradaram aos técnicos presentes nas duas noites do Festival de Inverno. Paulinho Seminati, que os usou pela primeira vez, foi um deles. Contente com o resultado ao vivo, o profissional disse que, “apesar das dificuldades de alinhamento, por conta das altas e das médias altas muito presentes, a sua cobertura é bastante ampla e potente, o que facilita a vida dos artistas”.

Marco Máximo conheceu as caixas há alguns meses, em Belo Horizonte, onde esteve com a cantora Alcione. Na ocasião, o técnico disse ter conquistado bons resultados com o equipamento. “Foi ótimo. Os monitores falaram muito e não precisam de muita equalização. O som já vinha pronto”, elogiou.

No entanto, em Brasília, ele preferiu não utilizá-los. “Tivemos pouco tempo para passar o som e preferi não arriscar. Embora goste muito desse sistema, ainda não o conheço muito bem”, encerrou o profissional, que usou quatro EAW SM222.



Ronaldo Negreiros, técnico de som da cantora Maria Rita, passa o som antes do show